

ALEXANDRIA, 641 A.D.

Desde o primeiro Adão que viu a noite
E o dia e a imagem da sua mão,
Os homens inventaram e fixaram
Em pedra ou em metal ou pergaminho
Tudo o que cinge a terra ou plasma o sonho.
Aqui está o seu trabalho: a Biblioteca.
Dizem que esses volumes que ela abrange
Ultrapassam o número dos astros
Ou as areias do deserto. O homem
Que quisesse esgotá-la perderia
A razão e os olhos temerários.
Eis a grande memória desses séculos
Que passaram, com espadas e heróis,
Os símbolos lacônicos da álgebra,
A ciência que sonda os planetas
Que regem o destino, as mil virtudes
Das ervas e sortilégos marfins,
O verso em que perduram os carinhos,
O saber que decifra o solitário
Labirinto de Deus, a teologia,
A alquimia que vê no barro o ouro
E as figurações vãs do idólatra.
Declaram os infiéis que se ela ardesse
Iria arder a história. Mas enganam-se.
As vigílias humanas engendraram
Os infinitos livros. Se de todos
Não restasse nem um, eles voltariam
A criar cada folha e cada linha,
Cada trabalho e cada amor de Hércules,
Cada lição de cada manuscrito.
Neste primeiro século da Hégira,
Eu, este Ornar que subjogou os Persas
E que impõe o Islão na terra inteira,
Ordeno aos meus soldados que destruam
Pelo fogo a imensa Biblioteca
Que não perecerá. Louvados sejam
Deus, que não dorme, e Maomé, Apóstolo.

Jorge Luís Borges, *Obras completas*, v.III
Lisboa, Teorema, 1998